Universo cinematográfico de NELSON RODRIGUES

José Lino Grünewald

Existem dois tipos de "approach" para se focalizar o que seja possível entender como universo cinematográfico de Nelson Rodrigues. De um lado, o aspecto mais extrínseco, estatístico: os filmes realizados, até agora, com adaptações de obras suas. De outro, o próprio caráter cinematográfico, intrínseco, inserido na estruturação de suas peças ou mesmo vários dos textos em prosa que publicou.

A verdade é que, apesar da esnobação contra o cinema em si, manifestada pelo depoimento que Nelson deu ao número 20 de FILME CULTURA, existe sobre ele uma influência evidente, dinâmica, das técnicas de montagem e de iluminação. Pode ser que ele tenha de esperar os tais "seis mil anos" para dar o braço a torcer, porém o filme é também um documento, e o registro fica aí, implacável, assim como os quatro volumes até hoje publicados, com os textos de todas as peças. Aliás, depois do depoimento polêmico e dogmático, aparecido nesta revista, o entusiasmo do autor, em ver seu **Toda Nudez Será Castigada** com sucesso artístico e popular nas telas, talvez haja desdramatizado a previsão dos "seis mil" em seis...

O que Nelson, com razão, poderia lamentar era o fato de que, até o surgimento deste último e admirável filme de Arnaldo Jabor, sua filmografia não fazia jus aos originais. Em alguns casos, inclusive, ocorria uma incrível reversão de expectativas: as fitas baseadas em peças suas eram mais teatrais e menos cinematográficas do que os espetáculos realizados no palco. Os diretores, de hábito, cingiam-se mais diretamente aos diálogos e situações, que, em Nelson, já são, amiúde, extremamente instigantes e/ou insólitos, às vezes capavam-lhe o humor peculiar e acabavam por se esquecer da especificidade de uma outra linguagem. Tanto assim que, antes de **Toda Nudez,** os melhores êxitos cinematográficos na área do criador de "Vestido de Noiva" se devem ao despretencioso J. B. Tanko (**Asfalto Selvagem,** de 1963, e **Engraçadinha Depois dos Trinta,** de 1966, aliás duas obras de ficção em série e, não, de teatro), frente a nomes mais famosos do nosso cinema, como Nelson Pereira dos Santos (**Boca de Ouro,** 1962), Flavio Tambellini (**O Beijo,** 1965) e Leon Hirszman (**A Falecida,** também de 1965). Fora destes citados, ainda tivemos uma versão da novela "Meu Destino é Pecar", em 1952, dirigida por Manuel Peluffo, e uma adaptação da peça "Bonitinha, Mas Ordinária", em 1963, dirigida por J. P. de Carvalho.

Realmente, a grande importância, a contribuição básica do trabalho de Nelson Rodrigues, comentando-se extrateatralmente, reside na atuação sobre o léxico; ou seja, as metáforas, os termos e expressões que forja e passa a repetir incessantemente; exemplo: "o óbvio ululante", "o débil mental de babar na gravata", "o fauno de tapete", "o poente de folhinha", "as cerdas bravas do javali" etc. Estes elementos, no entanto, não são cinematográficos

NELSON RODRIGUES

— são essencialmente verbais, "literários". Mas, por outro lado, a sua estrutura de teatrólogo, o seu estilo de prosador encerram uma imensa analogia com o mundo do filme (ao falar em filme, evitamos intencionalmente o termo cinema, que pode invocar apenas a projeção para um dado público em sala de espetáculo e elidir a idéia da exibição intimista, do filme via TV, por exemplo). Possui uma visualidade essencial. Antes de chegarmos aos exemplos mais evidentes do teatro, uma tomada do antológico romance, "O Casamento": Xavier chega diante de sua mulher, que sorri, pega o revólver e "atirou no meio do sorriso". Isto é cinema prefigurado.

Na obra teatral, desde cedo inúmeros recursos previstos demonstravam, não só aplicação expressionista, mas a grande analogia com as técnicas do filme. Era também a necessidade, no seu caso intuitiva, de romper com a linearidade lógica do emprego tradicional de espaço e de tempo e, assim, conferir maiores virtualidades de efeitos ao drama. É a iluminação de um personagem, que sai das trevas e ganha destaque, em dados momentos, é a subdivisão do palco em diversos planos de ação (isto é montagem no espaço), é até uma projeção dentro do próprio palco, tal como já ocorria em "Álbum de Família" (terceira peça, por ordem cronológica). Sua segunda peça, "Vestido de Noiva", valorizada pela concepção de encenação do seu primeiro diretor, Ziembinski, foi, na época de estréia, no início da década de 1940, uma autêntica revolução. Nesses mesmos tempos, perceber a sinonímia com o processo cinematográfico seria um comportamento de exceção, pois, entre nós, ainda inexistia uma noção — vamos dizer assim — institucionalizada da estética do filme (alguns cineastas pioneiros, meia dúzia de críticos ou teóricos).

Tudo isto de Nelson, porém, só poderia ser acionado por uma imaginação embebida de cinema — o que não deixa de ser lúcido e inventivo, porque, enquanto ainda se fala em "teatro filmado" ou "filme teatral" (excesso de diálogos, tomadas demoradas etc.), a verdade é

Paulo Sacks, Darlene Glória, Paulo Porto, Henriqueta Brieba, Paulo Cesar Pereio, Elza Gomes e Isabel Ribeiro, intérpretes de Toda Nudez Será Castigada.

que o cinema contribuiu em muito, com suas técnicas, a fim de renovar, revivificar as concepções de teatro. Ao mesmo tempo, se pensarmos em autores como Brecht, Meyerhold, Pirandello (e quantos outros experimentalistas da década 1920-30), ninguém diria que Nelson seria um precursor ao nível internacional. Mas, em nosso âmbito, como intelecção de dramaticidade, ninguém, até agora, pode passar do estágio de amarrar-lhe as sandálias.

E há também esse outro lado profundamente criativo, já mencionado acima, do texto em si, da cor e exatidão funcional do diálogo, da atuação sobre o léxico e, em suma, do choque purgativo de um moralista essencial sobre o "establishment", um público "bien pensant". As taras e o palavrão, o incesto e as situações insólitas, o carioquismo indelével, o diapasão suburbano, misturados com uma espécie de estigma da tragédia grega. Basta comparar a capacidade de choque (sem falar na antecipação de cenas por decênios). Exemplo: um dramaturgo em voga, como Plínio Marcos, joga também com situações cruas, mas quais são, geralmente, seus ambientes? A prisão, o "bas-fond", o prostíbulo. Em Nelson, ao contrário, é geralmente a casa de família; incomoda muito mais.

Um vereador, certa vez, durante a estréia de "Perdoa-me Por Me Traíres", no Municipal, pulou no palco de revólver em punho, "revoltado" contra a "imoralidade" em cena. No caso, deu-se uma imprevisível contribuição brechtiana...

Se o mundo cinematográfico de Nelson (não por culpa dele) ainda não chegara a corresponder com a riqueza do mundo teatral, a estréia recente do filme **Toda Nudez Será Castigada,** de Arnaldo Jabor, serviu para pagar a dívida, pelo menos em parte. Realmente, nestes últimos anos, não nos lembramos de uma adaptação, para o cinema, de obra de outro gênero tão bem sucedida — a não ser aquela de Lúcio Cardoso, que foi **A Casa Assassinada,** de Paulo César Saraceni.

São as cores, o "décor", o ritmo, a manutenção do espírito do autor e a interpretação inesquecível de Darlene Gloria. Se, em termos de processo, a peça mais importante de Nelson é "Vestido de Noiva", "Toda Nudez Será Castigada" (a última publicada, encenada) talvez fosse a maior em sentido de ímpeto dramático. Conseguiu, no cinema, o seu êxito estético e de público. E, também com isso, tornou-se uma das melhores fitas nacionais dos últimos tempos — uma das poucas a justificar uma euforia promocional.

De qualquer forma, após o êxito de **Toda Nudez Será Castigada,** vale somente relembrar: a obra de Nelson está aí — já encerra, no papel, as suas sugestões cinematográficas — é só saber aproveitar o meio-filão.

Paulo Gracindo e Fernanda Montenegro em A Falecida.

Jece Valadão no personagem-título de Boca de Ouro.